Anno 1.º — Quinta-feira, 2 de Novembro de 1911 — Numero 39

A LIBERDADE

Jornal Republicano

Composição e Impressão — TYP. SILVA (a vapor)

AVEIRO

Director, proprietario e editor

ALBERTO SOUTO

Redacção e Administração — Avenida Bento de Moura

AVEIRO

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA (Avença)

O Directorio no Congresso

A attitude do Blóco

Terminou ante-hontem os seus trabalhos, o Congresso do Partido Republicano, tendo votado varias moções de censura ao Directorio e resolvendo manter, atravez de tudo, a sua antiga organisação.

Não podemos deixar de applaudir as decisões do Congresso.

Disse-se a principio que a opinião predominante era a de que o partido fosse dissolvido, seguindo depois cada um dos seus membros a orientação que julgasse mais conveniente aos interesses do paiz. Este tendencioso boato foi lançado a publico pelos jornaes do *blóco* como balão de ensaio, mas não logrou convencer o Congresso que reconheceu e muito bem, a necessidade absoluta de se fazer uma politica de verdadeira união republicana. Se o enthusiasmo em que sempre vibrou aquella assembleia de velhos republicanos, é para nós um symptoma consolador, a attitude do *blóco*, n'esta conjectura, deixou-nos verdadeiramente contristados. Pretendendo formar á volta do Directorio uma muralha invencivel, proclamou a intangivilidade dos actos praticados por cada um dos seus membros, desejando que o Congresso se limitasse a ouvir ler um relatorio que nada tinha que o recommendasse e em seguida se dissolvesse.

O ex-ministro do Interior não compareceu no Congresso.

Parece que o dr. Almeida receou defrontar-se com a opinião republicana, da qual anda divorciado desde que encetou a *famosa politica de attracção.*

Com effeito, é tal o desejo do fogoso propagandista de attrahir a si todos os elementos do velho regimen, que entende que a melhor fórma de conseguir este desideratum, é systematicamente repellir os seus velhos correligionarios.

E a que miserias e defecções não dá logar a pratica da *famosa politica de attracção?* Como é doloroso para nós, que desde o 28 de janeiro e a discussão da questão Hinton no parlamento, nos habituámos a ver em Egas Moniz um caracter nobre e um espirito recto e esclarecido, constatar que mezes depois elle se encontra de alma e coração ao lado dos seus detractores!

Como se póde admittir que Egas Moniz mancommune com Antonio José d'Almeida, que o queria ver anniquillado ao lado do conde de Agueda, conforme elle mesmo nos afiançou no ministerio do Interior, e com o antigo Directorio, que não sanccionou a sua candidatura, não obstante ter acceitado os seus *serviços* no 28 de janeiro?

Isto não é honroso para o dr. Egas Moniz, e muito menos para aquelles que o calumniaram e agora mendigam o seu auxilio.

Mas o *blóco*, que não queria que os actos do Directorio fossem discutidos, revoltou-se por o patearem.

Foi justissima essa manifestação da colera republicana.

O Directorio que deveria ser o traço de união entre todos os republicanos, fez tudo quanto poude para os desunir.

Nós mesmo, republicanos de Aveiro, temos razões de sobra para o amaldiçoarmos. Debalde reclamámos o seu auxilio quando da demissão de Albano Coutinho e da nomeação do novo governador civil. Debalde lhe pedimos que junto do governo protestasse contra a ordem que mandou guardar a casa do Christo para impunemente nos insultar.

Soffremos com uma paciencia evangelica, por amor aos principios, o seu irritante desprezo. Mais tarde, quando da convocação dos collegios eleitoraes, é este Directorio que até ahi caprichou em não attender nenhuma das nossas reclamações, que se arroga o direito de nos impôr candidaturas.

Foi esta uma das accusações que lhe foi formulada no Congresso. Eusebio Leão, alma do Directorio, e por isso mesmo o mais responsavel por todas as suas prepotencias, negou terminantemente o facto.

Não nos seria porem difficil demonstrar, que a candidatura de Marianno Martins nos foi imposta, e que se por este circulo não foi apresentada ao suffragio popular, é porque a isso terminantemente se oppozeram as commissões republicanas. Eusebio Leão fez trinta mil traficancias para inutilisar a candidatura de quem em qualquer campo vale mais do que elle. Estabelecida a livre concorrencia dos talentos, Eusebio Leão desappareceu, como desapparecem todas as nullidades. Foi pateado e era justo que o fosse. De resto, todos os membros do Directorio passam bem sem o favor da opinião republicana.

Pódem d'ella divorciar-se á vontade, porque já estão regularmente governados. O snr. José Barboza é vice-presidente do Conselho da Administração Financeira do Estado. O snr. Cupertino Ribeiro é presidente dos Caminhos de Ferro do Estado. O snr. Innocencio Camacho é governador do Banco de Portugal. O snr. Euzebio Leão é governador civil de Lisboa, e o snr. Malva do Valle é commissario da Republica no Banco Ultramarino.

E tudo isto em commissão— para não pagarem direitos de mercê!

Ruy da Cunha e Costa.

Ares do poder

Antonio José, aquelle Antonio José que levantava barricadas com a sua palavra inflammada e que tanto cantou os fulgores da canalha vermelha das ruas, todos os heroismos dos humildes, toda a grandeza da alma dos esfarrapados; Antonio José, o maior adulador da multidão e da populaça da capital, já hoje sabe fallar com desprezo da canalha ignorante e atrevida das ruas.

A gente que hontem o acclamou e engrandeceu, já é hoje, no dizer conselheiresco do prophetá da politica de attracção, a ralé baixa, a lama fétida que supura dos canos de esgoto.

O que o poder e a vaidade fizeram d'um homem!

Dr. Affonso Costa

Os nossos correligionarios de Cacia, enviaram ao snr. dr. Affonso Costa o seguinte telegramma:

Os republicanos radicaes de Cacia, por intermedio dos cidadãos que este subscrevem, saudam em Vossa Excellencia o estrenuo promulgador das leis liberaes do paiz, apoiam a proposta das multas, que só tem o defeito de ser por demais benigna, e protestam contra a attitude dos bloquistas, muito principalmente contra aquelle que os inspira ultra-reaccionariamente.

João Affonso Fernandes
Albino Ribeiro.

Congresso do Partido Republicano

O novo directorio

Acaba de se realisar em Lisboa o Congresso annual do partido republicano. Os actos do directorio, a sua politica e a sua acção partidaria depois do 5 de outubro, foram violentamente e justamente atacados. O congresso reprovou-lhe o relatorio na parte posterior á revolução e accusou-o de ter promovido a desunião do Partido.

Ainda bem que um congresso nos veio dar razão.

O que pelas eleições aqui escrevemos, protestando contra a politiquice directorial e contra o acinte dos seus membros para com alguns candidatos e o que ainda ha pouco dissemos sobre a divisão do partido e a responsabilidade do directorio n'esse lamentavel facto, foi agora brilhantemente confirmado pelo congresso. Estamos satisfeitos, muito satisfeitos. Ao caso se refere hoje no artigo de fundo o nosso collega Ruy da Cunha e Costa com o costumado brilhantismo da sua penna e o espaço faltanos para mais largamente fallarmos.

Foi eleito um novo directorio que ficou assim composto:

Theophilo Braga;
Magalhães Lima;
Pereira Osorio;
Correia Barreto;
Luiz Filippe da Matta.

Saudamos o novo directorio.

A tomarem parte no congresso estiveram em Lisboa os snrs. dr. Samuel Maia, representando a commissão municipal de Ilhavo; o snr. Elysio Feio, representando a commissão parochial de Esgueira.

A commissão municipal de Aveiro fez-se representar pelo snr. João Ferreira e o Centro Republicano pelo snr. dr. Souza Junior.

Parlamento

A lei dos conspiradores

A lei como ficou é demagogica e reaccionaria ao mesmo tempo. Jacobinismo extremo e protecção ao conspirador

As camaras reuniram extraordinariamente por causa dos conspirateiros.

O governo precisava de uma lei com que facilmente e com rapidez os podésse julgar. Tratou-se d'isso no Parlamento, mas o que sahiu é um mixto de demagogia exaltada e de reaccionarismo protector que talvez venha a aproveitar mais ao conspirante do que á defeza da Republica.

Muitas emendas importantissimas, propostas pelo jurisconsulto que é o dr. Affonso Costa, foram accintosamente recusadas pelo *bloco*, só porque vinham de Affonso Costa.

Foi assim que ficou o tribunal especial, parecendo uma alçada, e se regeitaram as multas sobre os bens, unica maneira efficaz de evitar mais perturbações contra a Republica.

Veremos o que dá na pratica essa lei tão encarniçadamente defendida pelos grandes advogados dos conspiradores que teem assento no famoso *bloco* parlamentar.

CARTEIRA D'UM ALDEÃO

A SOBERANIA NACIONAL E A EGREJA

Se consultarmos a Historia, veremos que a egreja nos tem roubado para seu uso, ora artificiosamente, ora com todo o descaro, alguns dos nossos mais sagrados direitos, attribuindo-os a si com o maior impudor e onsadia, como se elles effectivamente lhe pertencessem.

Isto revolta-nos e confrange-nos, não só pelo mal que ella assim nos tem feito, mas tambem por haver ainda tanto quem a defenda e applauda até, mesmo entre aquelles que mais obrigação teem de a conhecer perfeitamente; mas, emfim, tempo ha-de chegar, quando o egoismo e a ambição de certas classes diminuirem ou estas desapparecerem da sociedade, o que será mais natural, e quando o povo tiver mais luz, em que todos repudiem ou condemnem qualquer ligação com essa corrupta, que ainda se atreve a dizer-se guarda e depositaria das sublimes doutrinas de Jesus.

Até ao seculo VIII, em todo o mundo christão, os povos é que escolhiam os seus reis e os investiam na dignidade e no poder reaes.

A egreja ainda não se tinha arrogado o direito de dar e tirar coroas á sua vontade.

O papa ainda não tinha o poder discricionario que depois veio a ter sobre todos os chefes de estado.

No seculo VIII, porém, dá-se o seguinte, que revoluciona profundamente o Direito Publico:

Pepino o Breve faz depor em Soissons, de accordo com o papa Zacharias, a Childerico III, da Neustria, sendo depois sagrado rei dos Estados Francos, que governava como *prefeito*, primeiro por S. Bonifacio, que restaurou para esse fim a cerimonia hebraica da consagração pelos santos oleos, e por ultimo pelo papa Estevam II, ao qual recompensou, presenteando-o com a Pentakole e com o exarchado de Ravenna, que havia conquistado aos Lombardos e que deram origem aos Estados da Egreja.

O pobre Childerico foi encerrado n'um convento.

Assim se introduziu nos povos catholicos a doutrina do *direito divino*, do qual a egreja era naturalmente a dispensadora, e se preparou a soberania temporal do papa.

No seculo XI é elevado ao pontificado um astuto frade, o cardeal Hildebrando, com o nome de Gregorio VII.

A realeza, como poder central, declinava em toda a Europa, em razão dos progressos do feudalismo, e a influencia do clero havia augmentado entre o povo.

Guilherme VII, um dos papas mais ambiciosos e ousados que se teem sentado no solio pontificio, achou a occasião asada para augmentar o poder da egreja e alargar os seus dominios, e concebeu para o conseguir um plano de tal fórma que, a realisar-se como elle o havia idealisado, teria collocado inteiramente os Estados dentro da egreja, dando origem a uma autocracia sacerdotal, a qual haveria condemnado ao estacionamento o mundo, a sciencia e as artes.

Entre os principaes pontos do seu programma figuravam os seguintes: reformar os costumes e a disciplina da egreja; tornal-a em toda a parte independente do poder temporal; dominar os povos e reis em nome da sua salvação.

O primeiro teve realisação em numerosos actos para a reforma do clero no intuito de o ligar melhor a Roma e para a destruição da sciencia; o segundo na prohibição da investidura em beneficios ecclesiasticos pelo poder civil; o terceiro na audaciosa intervenção do pontifice no governo dos de todos os estados christãos.

O segundo ponto provocou entre o papa e o chefe do imperio germanico, Henrique IV, uma grande lucta, chamada das *investiduras*.

Gregorio VII, invocando varias razões, e depois de algumas peripecias, intimou Henrique IV a que renunciasse á nomeação das dignidades ecclesiasticas e comparecesse em Roma, a fim de se justificar dos seus peccados.

O imperador respondeu á intimação papal fazendo depor o pontifice por 24 bispos.

O papa, por sua vez, excommungou o imperador, desligando os vassallos do juramento de fidelidade, e Henrique IV teve por fim de ceder, indo á Italia pedir perdão a Gregorio VII, que o fez esperar tres dias e tres noites em frente ao castello de Canossa, com os pés descalços sobre a neve e coberto com um cilicio!

Frossos,—1—11—911.

Castro Maia.

O ESPERANTO

Lingua auxiliar internacional

Provavelmente, os nossos leitores sabem que existe uma lingua auxiliar internacional, com o nome de *Esperanto*, destinada a promover e facilitar as relações entre os diversos povos cultos. Já n'ella fallou tambem *A Liberdade*.

Esta lingua, engenhosa creação do dr. Zamenhof, medico russo, está cada vez mais vulgarisada em todas as nações... á excepção de Portugal!

Aqui bem perto, na conservadora Hespanha, ha dezenas de grupos esperantistas, com suas escolas e jornaes. A camara de Bilbao e outras subvencionam o ensino d'esta lingua, a mais simples e logica do mundo.

Com uma lingua assim, que se póde aprender n'um mez, consegue-se escrever para a Russia, ou para a America, para o Japão ou para a Inglaterra, pois que em toda a parte se estuda, se propaga e admira esta lingua, a mais racional de todas. No Rio de Janeiro ha 15 escolas publicas, gratuitas, de Esperanto. A ilha de Samos adoptou-a como sua lingua official.

Em Portugal teem-se feito algumas tentativas para a tornar conhecida; houve cursos de Esperanto no Porto, chegando até a fundar-se um jornal, de vida ephemera. Em Lisboa. ha actualmente tres cursos a funccionar. Por todo o paiz, ha algumas dezenas de esperantistas dispersos, que precisam pôr-se em communicação para promoverem a mais rapida diffusão da lingua entre nós.

Aveiro, que se mostra tão bem disposta a receber as modernas ideias, deve crear tambem um Grupo Esperantista e abrir uma aula para o ensino d'esta utilissima lingua internacional.

Não faltam aqui meios para isso: basta pôr em acção as numerosas energias existentes. Sabemos que um joven esperantista se presta a dirigir um curso de Esperanto entre nós. Aproveitemos o incitamento.

No proximo n.º daremos um resumo das regras fundamentaes do Esperanto.

Pennas com tinta permanente

A

150 REIS

Souto Ratolla

COSTEIRA—AVEIRO

O PARTIDO
DE
ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

Como elle se está formando: monarchicos retintos, reaccionarios e franquistas impenitentes, gente do Centro Monarchico de Homem Christo, defensores do "Povo de Aveiro", conspiradores e cumplices de conspiradores!

—(*)—

Isto é que é preciso que o paiz conheça! Isto é que é preciso dizer-se ao povo republicano! Isto, a verdade esmagadora, a amarga e nua verdade, é que é indispensavel que o povo de Lisboa conheça!

Ex.mo Snr. Antonio José d'Almeida.—Redacção da Republica. *—Lisboa.*

Os signatarios significam toda a admiração e respeito por V. Ex.ª e protestam energicamente contra desacato, confessando-se inteiramente a seu lado.

José Marques d'Almeida, Antonio da Cunha Coelho, Antonio Ernesto Souto Ratolla, Eduardo Dias Lima, Antonio Marques d'Almeida, Joaquim Antonio Ferreira, Albino Pinto Miranda, Manoel Pedro da Conceição, Manoel de Souza Lopes, João Ferreira Felix, Antonio Rodrigues Pinto, Anselmo Ferreira, Antonio Correia, Roque Ferreira Patacão, Francisco Baptista Coelho, Baptista dos Santos, Agostinho Simões Instrumento, Manoel Laranjo, Joaquim Gamellas Ferreira, José Pedro Ferreira, Elias dos Santos Gamellas, João Campos da Silva Salgueiro, José Marques Sobreiro, D. Francisco Tavarede, Antonio Abranches Calafate, Henrique da Costa, Mario Baptista Coelho, Augusto Marques d'Almeida, José Neves Ferreira, João Salgado, Jayme Caldeira, Arnaldo Osorio d'Almeida, Carlos Migueis Picado, Manoel Germano Simões Ratolla, Manoel da Cunha Gil, Carlos Couceiro, Antonio Rodrigues, d'Oliveira, José João Bolaes Monica, Manoel da Silva Córado, Manoel Fernandes Lopes, Manoel Marques d'Almeida, João Grijó, Antonio Osorio, Dr. Antonio Fernandes Duarte e Silva, José Moreira d'Azevedo, Joaquim Ferreira Felix, Jeremias dos Santos Marques, Francisco Migueis Picado, Manoel Fernandes Vieira, Joaquim Ferreira Martins, Alvaro Antonio Rodrigues, José Gamellas Ferreira, Domingos João dos Reis, Francisco Ferreira da Naia, João Pedro de Mendonça Barreto, Leonardo da Cruz Bento, Luiz da Cruz Moreira, João Simão, Antonio Pereira, Gustavo Moreira, Dr. João Manoel Martins Manso, Manoel Caetano de Mattos, Antonio Pinho do Nascimento, João Pinho Vinagre, Domingos Francisco Coelho, Alfredo Maria dos Santos Freire.

O leitor viu esses nomes todos, não é verdade? Pois tenha paciencia. Um poucochinho de paciencia.

Nós vamos joeirar esses 64 nomes e o leitor vae ver de que pura agua é o republicanismo de esse telegramma, meia duzia de assignaturas á parte. O leitor vae ver qnal é o espirito *republicano* que segue, que applaude, que desaggrava o snr. Antonio José, n'esta terra, centro de reacção, de reacção torva e perversa, mas onde houve tambem e onde ainda ha bons republicanos. O leitor vae ver quem incondicionalmente se põe ao lado do homem da politica de attracção.

Comecemos pelos que sempre foram monarchicos retintos, pelos que o são e hão-de ser emquanto não mudarem integralmente de ideias, de sympathias, de velhos preconceitos, de dependencias, de suggestões e de tendencias inveteradas; emquanto não mudarem de feitio ou emquanto a Republica não fôr uma monarchia reaccionaria de barrete phrygio, com todos os orgãos, vicios e costumes do antigo regimen ou uma republica anodyna ou uma republica de arranjismos e de compadrios.

Querem ver?

Eduardo Dias Lima, Joaquim Antonio Ferreira, Albino Pinto de Miranda, Manuel Pedro da Conceição, Anselmo Ferreira, Roque Ferreira Patacão, Francisco Baptista Coelho, Agostinho Simões Instrumento, Joaquim Gamellas Ferreira, Elias dos Santos Gamellas, João Campos da Silva Salgueiro, José Marques Sobreiro, Mario Baptista Coelho, José Neves Ferreira, João Salgado, Carlos Migueis Picado, Manuel Germano Simões Ratolla, José João Bolaes Monica, Manuel Fernandes Lopes, João Grijó, Antonio Osorio, José Moreira de Azevedo, Joaquim Ferreira Felix, Jeremias dos Santos Marques, Manuel Fernandes Vieira, José Gamellas Ferreira, Domingos João dos Reis, Francisco Ferreira da Naia, João Pedro de Mendonça Barreto, Leonardo da Cruz Bento, Luiz da Cruz Moreira, Dr. João Manoel Martins Manso, Manoel Caetano de Mattos, João de Pinho Vinagre, Alfredo Maria dos Santos Freire, etc., etc.

* * *

Monarchicos estes. Todos monarchicos e sempre monarchicos. Pelo menos, nenhum republicano, pelo menos todos não republicanos. Mas só isso? Só não republicanos? Só incapazes de amarem a Republica e de luctarem por ella? Só incompativeis com as conquistas da Republica no campo das liberdades e no avanço das ideias? Não.

Ha ahi franquistas acerrimos, franquistas incorrigiveis, franquistas que ainda hoje não confessam o erro em que cahiram nem a ninguem perdoam um ataque a João Franco.

Ha ahi clericalistas ferrenhos, defensores das congregações e dos jesuitas, partidarios de tudo quanto seja obscurantismo e retrocesso.

Ha ahi quem tenha rastejado toda a vida aos pés dos magnates destronados pela revolução.

Ha ahi tambem quem nunca tenha tido uma ideia propria, um pensamento seu, um gesto de autonomia individual.

Ha ahi quem tem sido sempre e em tudo serventuario da cacicagem, agente da cacicagem, satelite da cacicagem.

Mas ha mais. Estão ahi os nomes, bem conhecidos, bem claros, bem abertos.

Pois entre esses nomes ha quem seja amigo intimo, correligionario de sempre, companheiro de todos os dias de conspiradores presos e pronunciados por conspirarem contra a Republica!

Entre esses signatarios ha quem já foi preso como suspeito de conspirar contra a Republica!

Entre esses nomes estão cumplices de conspiradores!

Assignando esse telegramma estão os amigos, os aulicos de Homem Christo.

D'aquelles que ainda até hoje se não penitenciaram de o defenderem, de o servirem, de lhe encobrirem os sordidos manejos. D'aquelles que o ajudaram na sua ignobil campanha contra a Republica. D'aquelles que ainda hoje, vendo-o entre os inimigos da Republica e da Patria que no estrangeiro teem ameaçado a nossa tranquilidade, a nossa paz e o nosso progresso, não tiveram uma palavra, um gesto, um mover de labios contra esse transfuga e contra esse traidor da Patria. D'aquelles que se Homem Christo ahi entrasse triumphante na rectaguarda da récua paivantesca, feita de sicarios e feita de mizeraveis, correriam a abraçal-o e correriam a applaudil-o.

Ahi estão, mizeria das mizerias, vergonha das vergonhas! **os fundadores do Centro de Homem Christo de vergonhosa memoria!**

Ahi estão, — mizeria das mizerias, vergonha das ultimas vergonhas! — aquelles que n'esse Centro acompanharam, imitaram e applaudiram Jayme Duarte Silva, o chefe da conspiração monarchica em Aveiro, preso hoje na Penitenciaria de Coimbra e pronunciado por conspirar contra a Republica e aliciar gente para a contra revolução.

Ahi estão, — ultima das vergonhas, ultima das mizerias, — aquelles que fizeram uma grande manifestação aos conspiradores presos nas cellas d'um convento; uma grande manifestação a Jayme Silva, chefe da conspirata e mentor do Centro de Homem Christo, que o dr. Rodrigo Rodrigues fez encerrar apenas chegou a Aveiro e viu os seus perniciosos, os seus dissolventes, os seus jesuiticos fins, e a Manoel d'Oliveira, o promettido chefe da policia de Aveiro, se a bernarda restauradora vingasse, preso hontem por conspirar com Jayme Silva no *complot* de Aveiro, preso hoje novamente por ser encontrado com armas no meio dos conspirantes de 29 de setembro no Porto e preso n'outros tempos por vadio e gatuno de profissão.

Entre os signatarios do telegramma a Antonio José de Almeida está essa gente. Estão os vizitantes assiduos d'esses presos! Estão aquelles a quem Jayme Silva, a quem os outros conspirantes e a quem Manoel d'Oliveira, agradeceram nos jornaes, assignados com todas as letras dos seus nomes, a manifestação que lhes fizeram!

Mas isso é tudo? isso não bastaria? isso não seria já de mais? Não, não. Oiça o leitor, veja o leitor!

Entre esses nomes ha quem depois da revolução de outnbro, andou a guardar, armado, a casa de Homem Christo e a typographia do «Povo de Aveiro» contra pretensos ataques dos republicanos!

O leitor espanta-se? o leitor duvida? o leitor enoja-se? o leitor aperta as mãos na cabeça? o leitor sente nauseas? sente repugnancia e repulsão por essa mizeria? o leitor indigna-se?

Pois tenha paciencia. Ouça mais, leia mais. Apenas meia duzia de palavras. Revista-se de paciencia. Encha-se de caragem e chegue ao fim. Veja como isto acaba! Veja como isto liquida!

Entre esses nomes está um que merece menção especial. Esse nome é este — **Dr. Antonio Fernandes Duarte e Silva.** Conhece? Recorda-se? **é o padre Antonio Fernandes Duarte e Silva.** E' aquelle padre Antonio Fernandes Duarte e Silva com quem os estudantes republicanos intransigentos da gréve academica em fevereiro ultimo quebraram a solidariedade, repelindo-o por completo na imprensa da capital. E' aquelle dr. Antonio Fernandes Duarte Silva que foi um dos baluartes do Centro de Homem Christo. E' aquelle mesmo, aquelle mesmissimo padre Antonio Fernandes Duarte Silva, que com o dr. Innocencio Rangel hoje preso e pronunciado por conspirar contra a Republica, *assignou ahi uma vez uma insolente moção entregue a Wéiss de Oliveira, votada pelo famigerado Centro, ameaçando os republicanos com ameaças cheias de odio e de rancor e affirmando que estavam dispostos a defender o Christo por todos os meios, os mais violentos!*

* * *

Escolhemos alguns nomes de monarchicos furta-côres, deixámos os dos indifferentes e os dos coisa nenhuma—Maria vai com as outras— dos *tudo menos que republicanos.* Entre esses alguns ha que fôram republicanos com o Christo e ficaram sempre republicanos como o Christo.

Alguns choravam-se de vez em quando, vinham protestar ingenuidade, vinham protestar innocencia. Que julgavam os outros leaes, que os julgavam sinceros.

A maior parte, *repubicanos* do *Povo de Aveiro*, e *republicanos* do celeberrimo centro do Jayme Silva.

Meia duzia, meia duzia apenas, de nomes de antigos republicanos ficam com o seu fraco por Antonio José pelo qual ninguem lhes quer mal; outros que sem má intenção e sem segundas intenções, por certo, assignaram esse telegramma, como alguns signatarios que politicamente não são nada, mas nunca poderiam ser republicanos fervorosos, como succede com duas pessoas da nossa familia que o assignam.

Antonio da Cunha Coelho, D. Francisco Tavarede e poucos mais incapazes de se mancomunarem com essa gente do Christo e do centro de Jayme Silva, e acabou.

* * *

Mas o telegramma não é innocente? Não é apenas um acto de delicadeza, de sympathia e solidariedade pessoal para com Antonio José? Se fosse, nem uma palavra aqui sobre elle diriamos, nem uma palavra. Mas não é. O telegramma é um telegramma politico. Abertamente politico. Escancaradamente politico.

E' um telegramma partidario, facioso. Provocantemente facioso, não ha duvida. Os que o assignaram confessaram-se abertamente ao lado de Antonio José. Ao lado d'elle em quê? Na politica, no partido. Ao lado de Antonio José, incondicionalmente, para que? Para fazerem partido e combaterem os outros republicanos.

Ahi está tudo. São os partidarios do snr. Antonio José em Aveiro e são aquelles que se propõem combater o partido republicano que aqui se conserva unido e forte, sem divergencias e sem divizões. Partidarios de Antonio José, mas não na sua maioria partidarios de hoje. São já quasi todos partidarios velhos. Foram-o logo depois da Republica. Dias depois, uma ou duas semanas depois da Republica, todos esses que fizeram o centro do Christo e do Jayme Silva, esses que applaudiram e defenderam o Christo contra os republicanos, todos esses reaccionarios, agentes de caciques, dependentes de magnates desthronados, todos esses se disseram partidarios de Antonio José. Do Antonio José e do Machado dos Santos, toda a gente o sabe. Pertenciam ao seu partido porque elles sabiam já, affirmavam-o alto e diziam-o em publico, em alto e em bom som, que o Antonio José e Machado dos Santos iam formar partido e que elles iam para o partido do Antonio José e do Machado dos Santos. Como o sabiam? Porque o affirmavam? Como previam com tanta precisão, com uma exactidão tão rigorosa o que ia dar-se, o que vinha a acontecer em outubro de 1911?

Esta é que é a verdade nua e crua. Que respondam os *sabios da escriptura* que a duas semanas da revolução andavam no segredo dos deuses, e na posse plena dos intentos de Antonio José e Machado dos Santos.

Adivinharam-lhes os pensamentos? Previram o futuro? Adivinharam? Respondam os *sabios da escriptura.*

E sabe o leitor, e sabe o paiz, e sabe a Republica,—vergonha das vergonhas, mizeria das mizerias! repetimos,—quem são os *sabios da escriptura* que podiam responder e que a duas semanas da revolução andavam já na plena posse do segredo dos deuses da Republica?

São estes: **Homem Christo,** redactor do *Povo de Aveiro* e commandante do bando dos traidores da Galliza.

Jayme Duarte Silva, mentor do Centro Monarchico de Aveiro e preso hoje por conspirar contra a Republica na Penitenciaria de Coimbra!

Pois foi com esta gente, que duas ou tres semanas depois da revolução republicana de 5 de outubro se lançaram em Aveiro os fundamentos do grande partido de Antonio José d'Almeida, que se havia de vir a formar um anno depois, em outubro de 1911, com esse famoso telegramma de adhesão incondicional.

* * *

Ah! como isto é triste! Ah! como isto é desolador e amargo!

Illusões, illusões de outros tempos! sonhos de altivez, dignidade, isenção e brio que em nós fazia acordar a palavra fluente do tribuno!

Onde isso vae!

O homem das barricadas nos tropos oratorios; o homem do radicalismo intransigente em palavras de outro tempo; o homem meio libertario que fazia estremecer as multidões da canalha vermelha das cidades com o seu verbo, onde está elle?

Chefe de um partido feito por essa gente!

Monarchicos, reaccionarios, franquistas impenitentes, gente do centro de Homem Christo, defensores do *Povo de Aveiro, conspiradores e cumplices de conspiradores!*

* * *

Antonio José de Almeida: sahem-nos do coração estas palavras. Não teem odio, que nunca soubemos odiar ninguem. Não teem veneno que tivemos por apostolos homens como você nos seus tempos de cavalheiresca isenção.

Fallamos desprendidos e desinteressados. Fallamos-lhe sem falsas adulações que o deslumbrem. Fallamos-lhe como um soldado humilde da Republica que nada mais quer ser do que hoje é; que a nada mais póde aspirar; que nada pretende se não o bem da sua Patria e o bem da sua Republica.

Onde hoje estamos, não estamos por nenhum interesse, por nenhuma simpathia personalista, por nenhum favor, com a menor esperança ou mira de interesse pessoal. Onde estamos hoje, estivemos sempre. Lá estivemos comsigo, quando você lá estava: Lá o vimos, lá o conhecemos.

Estivemos sempre onde bem se servisse a Republica, hoje estamos onde bem julgamos defender e servir a Republica.

Ninguem para lá nos chamou, ninguem para lá nos atrahiu.

Não temos pois paixões pessoes. Somos apenas, acima de tudo, de todas as paixões, de todas as pessoas, sem odios, um republicano, apenas um sincero, um devotado, um apaixonado republicano.

Fallamos-lhe como tal.

Com a mesma simplicidade mas com a mesma franqueza com que em tempos idos lhes fallámos.

Por seu bem, por bem da Republica, por bem da Patria; por bem de todos nós e por bem da sua propria honra e da sua propria historia; mas acima de tudo por essa Republica que você prégou, que você ensinou a amar, que você ajudou a fazer.

Por essa Republica que é feita de tantos sacrificios dos humildes e de tantas lagrimas dos desgraçados. Por essa Republica que é feita de tantas illusões e de tantos sonhos puros como a neve, generosos como o sangue dos martyres, de um povo inteiro, Antonio José de Almeida!

Por essa Republica, Antonio José, que você prégou, lhe pedimos d'aqui, do nosso recanto esquecido, se dispa de ambições loucas, de vaidades loucas, de loucos despeitos.

Você foi grande com o povo humilde que queria libertar-se do cacique e do jesuita. Você foi grande com essa gente humilde que sublimou em seus discursos e a que hoje chama a canalha. Você foi grande como tribuno da revolução.

Volte ao que foi. Volte despido de vaidades, de ambições e de despeitos ao caminho que trilhou.

Volte como um soldado disciplinado. Volte a ser desinteressado e simples, e verá então como volta a ser querido. Tenha um gesto, tenha um rasgo de magnanimidade! Rompa com compromissos e liberte-se.

Esses que o adulam, perdem-o. Esses que o felicitam não são seus amigos, não são os filhos amados da Republica. São os seus inimigos, os seus peiores inimigos. Querem fazer de si, Antonio José, um chefe de partido que lhes sirva as mesmas ambições, os mesmos interesses, os mesmos desejos de mando, os mesmos caprichos de campanario de outros tempos.

Tenha um rasgo! E pela nossa parte, lh'o promettemos, humildes e fracos, embora, não teremos uma palavra mais contra si.

Somos nós apenas quem lh'o dizemos? não, fallamos com toda a gente que pensa, fallamos por todo o partido republicano, fallamos por todo o partido republicano que o submette á ultima das provas!

* * *

De resto o aviso fica ahi. Veja você quem o aplaude, quem se colloca incondicionalmente a seu lado. Quer seguir, quer continuar? Siga! continue! Mas dentro em pouco está, continuando assim, perdido. Ninguem o salva do lodaçal por que caminha. Porque, se em toda a parte a sua gente é d'estas convicções politicas e d'esta dedicação republicana, se é da força d'esta que aqui o deslumbra com os seus aplausos, **Antonio José de Almeida, não tardará muito que tenha de ser preso, por ir com elles conspirar tambem!**

DESCENDO

«Não comparecerei no Congresso. Não delego em ninguem a minha representação nem a do men jornal».

Diz o snr. Antonio José d'Almeida, ao jornal monarchico «Novidades», seu companheiro na politica do bloco.

Bom caminho, não ha duvida. Bom caminho leva Antonio José. O partido republicano fê-lo, deu-lhe força e prestigio. Fê-lo deputado. Fez a revolução e fê-lo ministro. Da varanda dos Paços da Camara Municipal de Lisboa, o Partido Republicano, o partido que fizera a revolução nomeou-o ministro com as aclamações do povo republicano de que elle era um idolo e que elle nunca se cançou de adular. Pois Antonio José, sem mais razões, sem apresentar razões de nenhuma especie, separa-se do partido republicano. Convoca-se um Congresso para se liquidarem questões, para se dar conta dos trabalhos que a cada um o partido impuzera; para se apurarem responsabilidades em erros e em contendas; para se aplanarem difficuldades; para se promover ou a união de todos os republicanos ou a dissolução do Partido. Todos lá acorrem, todos os republicanos, seus orgãos e suas organisações se fazem representar para dizerem de sua justiça em plena discussão. Vai Affonso Costa, vai o proprio Brito Camacho, vai Bernardino Machado, vai o Directorio, vai gente da capital, das cidades e das aldeias. Só Antonio José de Almeida, superior a tudo isso, desprezando a democracia, enfatuado e desdenhoso, com a prometida força da cacicagem monarchica, diz petulantemente—não vou lá, nem me faço representar!

DE CACIA

Recebemos um communicado de alli, protestando contra o facto do revd.º Parocho cobrar dos seus parochianos um alqueire de trigo para sua sustentação e juntamente recebemos um pedido para nos referirmos ao caso.

Não publicamos o communicado nem ao caso nos podemos referir, porque nada temos com o assumpto nem n'elle nos podemos intrometter nem ninguem sobre elle póde por este meio reclamar.

Os fieis pagam o que querem aos ministros da sua religião e pagam se querem, porque ninguem a isso os póde obrigar. De resto o assumpto está regulado pela lei de separação, para a qual reportamos os leitores que se nos dirigiram.

Explicadôr

Pessôa habilitada dá explicações do 1.º anno do curso dos lyceus, por preço reduzido.

N'esta redacção dão-se informes.

O RELATORIO PARLAMENTAR
DO
Dr. Affonso Costa

Relatorio parlamentar do deputado Affonso Costa, apresentado ao Congresso Ordinario do Partido Republicano, reunido em Lisboa, em 27, 28 e 29 de outubro de 1911.

Após o nosso Congresso do Porto, decorreram os factos mais importantes da sessão parlamentar de 1910, a ultima da monarchia. Ella contribuiu grandemente para a queda dos Braganças. Lutavamos então com todas as forças de reacção, organizadas em torno do ministerio presidido pelo antigo liberal Veiga Beirão, mas de facto simbolizado nas *botas de duas solas* de Dias Costa, o homem das luminarias, o celebre autor do vexame á digna Camara Municipal de Lisboa, no qual tambem colaboraram Cardoso de Menezes, Arthur Fevereiro e outras personagens, que depois deviam ser attrahidas carinhosamente para os cargos de julgadores dos proprios actos dos ministros republicanos.

Dois grandes problemas foram versados pela minoria republicana na sessão legislativa de 1910; a questão Hinton e o caso do Credito Predial. Fui eu que descobri e expuz na Camara a primeira torpeza. Depois de propor baldadamente a discussão do caso em negocio urgente, apresentei o, contra a vontade do governo e da maioria, na parte final de um discurso sobre a questão do bispo de Beja. E uma vez levantada a primeira ponta do véu, não houve meio de abafar o tremendo escandalo, que compromettia irremediavelmente a monarchia e alguns dos seus homens mais representativos, desde o rei e seus ajudantes até certos directores de Companhias então occupados em negocios pouco claros.

Appellou-se para os tumultos nas sessões da Camara, para a propositada falta de numero, para o adiamento intempestivo, para as commissões de inquerito destinadas a illudir a questão, e até, contra mim, para as mais indignas provocações na imprensa fundibularia clerical e progressista, para a ameaça do conflicto pessoal e para o já gasto expediente do duello, tudo com o fim de evitar que proseguisse o debate; mas eu tinha documentos que lançavam luz no assumpto e, em geral, na corrupção do regime monarchico, e fil-os valer no momento proprio, podendo por isso affirmar hoje ao Congresso, com legitimo desvanecimento, que dei por essa occasião um rude golpe na monarchia, que depois havia de ser definitivamente liquidada pelos heroes do Quartel de Marinheiros, do Tejo e da Rotunda, desde os mais falados e com justiça recompensados, até aos mais obscuros, aos anonimos, aos populares que ali deixaram a vida ou a arriscaram em beneficio da Patria.

A questão do Credito Predial, tendo surgido nos tribunaes e nas assembleias da respectiva Companhia, foi tambem levada por mim ao Parlamento; e, como a outra, teria sido logo suffocada, se em nome do Partido Republicano eu não teimasse em a manter na tela da discussão, renovando a a proposito de tudo e impedindo por todas as fórmas que outros assumptos se lhe sobrepuzessem.

Essas duas questões, que tambem tratei seguidamente na imprensa, determinaram afinal a queda do governo e dos seus appoios reaccionarios, como primeiro lance da queda da monarchia. A chamada ao poder, *à contre coeur*, dos elementos regeneradores e dissidentes ainda apressou o descalabro, porque logo provocou a formação de um *blóco* predial reaccionario, que nas suas investidas atacava principalmente a corôa. As eleições foram assim, e mediante a nossa propaganda, os augmentos de votações republicanas nos grandes centros e o alargamento da nossa minoria parlamentar, a indispensavel *base moral* da Republica.

Esse periodo final da vida do regime monarchico foi bem uma agonia vergonhosa. Dispersão definitiva das ultimas aggremiações politicas reaccionarias, abandono das posições de combate, desalento, fuga cobarde, suicidio, em summa, eis o espectaculo que a monarchia nos deu! E ainda hoje ha miseraveis que pretendem restaural-a!

Terminada a Revolução, em que tive a honra de tomar parte, escolhendo para mim e propondo para dois outros dirigentes dos trabalhos revolucionarios a comparticipação n'um serviço que parecia o de maior risco—a prisão e a guarda do rei—e procurando insistentemente colocar-me em condições de contribuir para o desempenho desse mandato, fui aclamado pelo povo como ministro da justiça do governo provisorio da Republica.

Nas primeiras horas, não estando ainda presentes todos os meus collegas, tive de trabalhar por quasi todos—e assim me coube por acaso a honra de telegraphar para o mundo inteiro a boa nova da proclamação da Republica e o seu programma minimo, de realização immediata, baseado nos principios do partido e em votações unanimes dos nossos congressos.

Pela minha parte procurei cumprir esse programma, não tendo encontrado difficuldade alguma, antes cooperação inteligente e decidida d'aquelles dos meus collegas que mais podiam occupar-se comigo dos assumptos da minha pasta. E' de justiça absoluta especializar o snr. dr. Bernardino Machado, cuja obra democratica é verdadeiramente digna da gratidão do povo portuguez.

Na observancia rigorosa dos nossos principios, nunca pretendi formar, nem ajudar outrem a formar partido que dividisse o organismo republicano. Pelo contrario, repeli com insistencia e com ponderosos argumentos as centenas de solicitações que me foram feitas n'esse sentido, algumas por parte de pessoas que depois haviam de combater a minha obra com facciosismo, talvez por não terem sido acceitos alvoroçadamente os seus offerecimentos pessoalistas. Nunca fiz nomeação fóra do partido republicano e da vontade das suas commissões—é escusado acentual-o; e tambem não fiz nomeações para criar adeptos, soccedendo até que alguns dos correligionarios mais beneficiados pela pastas da justiça, foram dos que se apressaram a voltar-se, não digo contra mim, porque isso não podia causar estranheza, mas contra as leis mais republicanas, emanadas do ministerio com que deviam ficar identificados como funccionarios collocados em posto de confiança. Nunca, finalmente, intervim, directa ou indirectamente, em quaisquer trabalhos eleitoraes, na escolha ou rejeição de candidaturas.

E se alguma vez levantei a voz, como ministro ou como deputado, foi sempre para pregar a união, a conservação do partido republicano historico até que se consolidasse definitivamente a Republica. Tinha annunciado nos congressos de Setubal e do Porto este meu proposito de não contribuir para a divisão, só util aos monarchicos e só tentadora para os mediocres, ávidos de materialidades, desprezadores dos principios. Cumpri o lealmente, até ao fim, no poder e como membro da Assembleia Nacional Constituinte. Atravez de calumnias e de injurias, de provocações e ameaças, que chegaram, infelizmente, dentro dos arraiaes republicanos, ao que não tinham nunca attingido durante a monarchia, eu cumpri, repito, e disso estou certo, o meu dever de não desunir o partido, nem faltar aos seus principios basilares. Na festa brilhantissima que no theatro de S. Carlos me foi offerecida pelo commercio, industria e povo de Lisboa, nas homenagens collossaes do Porto e na recepção enthusiastica de Braga, todas dedicadas, não ao homem mas ao representante do governo e da Republica, eu préguei sempre, sempre, a união do partido.

Quando pude tomar parte nos trabalhos da Assembleia Constituinte depois da minha doença, o meu primeiro grito que soltei foi «União»—«União»! Infelizmente elle não encontrou echo onde o devia ter, e os factos ahi estão, recentes, para documentar o procedimento de cada um, atribuindo-lhe os louvores ou as censuras que merecem, ao menos quanto baste para que não se reincida em erros graves, e se mantenha firmemente a unidade partidaria, sem prejuizo da autonomia dos grupos de estudo e propaganda de doutrinas mais ou menos avançadas, todas cabendo dentro dos principios partidarios, e não prejudicando a consolidação da Republica.

Tal é, nas suas linhas geraes, o meu procedimento como deputado. O congresso julgará em sua soberania.

Lisboa, salas do congresso republicano. 29 de outubro de 1911. —O deputado republicano, *Affonso Costa*.

Complot de Ovar

A rêde da conspirata vai sendo descoberta a pouco e pouco. Pede-se protecção para os conspiradores e ainda o trama não está todo descoberto.

O digno comissario de policia de Aveiro continua fazendo investigações interessantissimas. Em Ovar descobriu um importante *complot*, tendo effectuado algumas prisões e feito uma grande aprehensão de carabinas, pistolas automaticas, munições e dynamite.

Veremos se ha politica de atração e se ha tribunaes que protejam e absolvam esses innocentes!

FESTA DE DESAGGRAVO

Não se trata do Sagrado Coração nem do Santissimo Sacramento.

Escusam, pois, os leitores devotos e tementes a Deus de puxar já do rosario e do livro de missa.

A festa de desaggravo vae ser em honra do snr. Antonio José d'Almeida.

Temos que ver agora com o messias da attracção reaccionaria.

Se até aqui nos custava a atural-o com a sua inchada arrogancia de immaculado profissional, que será de nós depois que o *bloco* o canonisar como martyr?!

Notas pessoaes

Retirou da Costa Nova com sua familia o snr. Francisco da Costa, d'esta cidade.

— Vimos aqui os snrs. Manoel Teixeira Ramalho, vereador; Albino Ribeiro, juiz de Paz e nosso correspondente em Cacia; Maximiano Pimentel, de Vagos; Julio Marques de Carvalho, de Ilhavo; Antonio Brito de Rezende, de Sôza; Liborio de Mattos, de Avanca.

— Regressou de Lisboa o snr. Elysio Feio.

— Consorciou se em Lisboa o snr. dr. Carlos Barboza, director do *Povo da Murtoza* e advogado, com a ex.ma snr.a D. Maria Augusta Pinto, de Pardelhas. Ao acto que revestiu um caracter muito intimo, foi assistir de Aveiro, o snr. Joaquim Soares, particular amigo do noivo.

COMMUNICADO

O auctor pede-nos a publicação do seguinte:

Sôza

O Paçal—A agua

... em defeza da razão e da verdade.

Com estas palavras fecha a penhorante rectificação que pedi ao ex.mo director da *Liberdade*, dada á estampa no seu jornal de 26 do corrente, sob a epigraphe —*Paçal de Sôza*—referente á local publicada no mesmo jornal, n.º 37, de 19 tambem do corrente.

—Muito obrigado pela amavel deferencia.

—E' em defeza da razão e da verdade que me proponho fazer a resenha dos factos relativos á agua a que, erradamente, chamaram—*do Paçal de Sôza*.

Eil-a:

A junta de parochia d'esta freguezia, no uso d'um direito e a bem da parochia, captou em terreno pertencente á mesma parochia certa porção de agua potavel que encanou e fez conduzir, sempre por terreno parochial, a uma fonte que a parochia possue, sita no Largo Parochial, proximo da egreja. A sobrante agua que trasborda do tanque d'esta fonte, tambem a encanou até uns tanques que possue, logo em seguida, no *Largo da Confraria*, junto da casa em que faz as suas reuniões. Ahi, serve essa agua e utilisam-se esses tanques, para bebedouro de gado e para lavagem de roupas. As vertentes ou sobejos d'estes tanques, esgotam e correm sempre em terreno parochial. Estas vertentes ou sobejos foram, durante annos, usurpadas pelos parochos, que, como presidentes *natos* (que irrisão!) das juntas de parochia e arvorados em *mandarins* d'aldeia, faziam quanto queriam sem dar satisfações aos *passivos* collegas na gerencia e nem mesmo á respectiva auctoridade (*sempre da côr*). Assim, abusando *auctoritariamente* do tal *mandarinato*, locupletaram-se com o que não lhes pertencia, em beneficio proprio, prejudicando a parochia, todos os annos, em algumas dezenas de mil reis! Isto com sciencia do acto criminoso que praticavam.

Chegou o 5 d'outubro, raiou a liberdade; estabeleceu-se o principio da ordem e da legalidade; os parochos foram apeados, destituidos das funcções de que abusaram como presidentes das juntas de parochia; as juntas foram substituidas por commissões parochiaes administrativas que, geralmente, teem sido zelosas no cumprimento dos seus deveres.

A d'esta freguezia, em vista do estado verdadeiramente cahotico em que encontrou as coisas parochiaes, passando em revista este e outros desmazelos, deliberou terminar o abuso e vender em hasta publica as vertentes ou sobejos da agua dos ditos tanques, *exclusivamente* pertencentes á parochia esbulhada do seu rendimento durante a nefasta administração clerical, em cuja deliberação ficou estabelecido que o producto da venda das referidas sobras da agua seria *exclusivamente* empregado no estabelecimento de um novo cemiterio, visto que o actual não comporta já as necessidades da parochia, além de se achar encravado na povoação com grave risco para a saude publica. Levou por deante esta tão louvavel deliberação para a qual, de harmonia com a lei, obteve a approvação tutelar, e observou em *tudo* a mais rigorosa fórma processoal.

Eis a verdade que provo documentalmente.

Agora a urdidura do trama jesuitico, e vae como epilogo:

O actual parocho, que era tambem usurpador da parochia utilisando-se das taes vertentes, na falsa ideia de que poderia continuar n'esse abuso, caso lhe viesse a ser concedido o usufructo do Paçal (!) denunciou *falsamente que a commissão tentava vender o que lhe não pertencia, pois que a fonte era pertença das Obras Publicas de Aveiro e que, quando tomou posse da parochia, a agua corria para o Paçal!*

Arrependeu-se... penitenciou-se... que não tinha toda a culpa... que a responsabilidade moral cabia por completo a *certo* bacharel (sem formatura em direito) que o tinha aconselhado e auxiliado, etc., etc, mas... a denuncia já tinha sido dada!

Uma denuncia falsa como acaba de ver-se pela singela e verdadeira exposição dos factos! mas que não deixaria de produzir seus effeitos malevolos junto do ex.mo Governador Civil que, após a denuncia, se honrosas e insuspeitas informações não desmascarassem os intrigantes, negaria a sua approvação áquellas verbas de receita e de despeza descriptas no orçamento supplementar da commissão. A approvação foi dada *integralmente* e foi ella que motivou o *suelto* da *Liberdade*.

O ex.mo Governador Civil só merece louvores pelo seu procedimento justo e harmonico com a *razão e a verdade*.

Consta-me agora que se empregam esforços á *outranse politico-clericaes*... e o mais que não quero escrever, para se conseguir do ex.mo Governador Civil a dissolução da actual commissão parochial administrativa pelo mesmo processo empregado, em tempo, para se obter a dissolução da primeira commissão municipal administrativa.

Os figurantes são os mesmos e mais um que é clerigo e *reaccionario*. Tenta-se a nomeação de uma outra com que possa ser formado o desejado *anicho* politico-clerical, visto que a actual não enfileira com tal gente.

O tal bacharel não é estranho a estas manigancias: trabalha activamente a favor da tal politica do *altar*. Perde o seu tempo. A sua politica é dissolvente e eu lh'o provarei quando se pleitearem as eleições dos corpos administrativos. Pódem os cidadãos republicanos... *do oito de outubro de 1910* tomar nota da promessa-protesto e da data em que o faço.

Sôza, 30 de outubro de 1911.

Antonio de Brito Pereira de Resende.

REGISTO

Projecto de Lei Organica do do Estado da India Portuguêsa. — *Elaborado pelo Governador Geral, Francisco Manoel Couceiro da Costa.*

Recebemos este volume enviado pelo nosso illustre conterraneo e antigo correligionario snr. dr. Francisco Manoel Couceiro da Costa, e que muito agradecemos.

Vamos lêl-o.

***

Vida Politica. — *Por Luiz da Camara Reis*, (pamphleto). — *Lisboa.*

Continuamos recebendo os pamphletos de Camara Reis que tanto successo tem produzido, como era de esperar do seu talento e das suas qualidades de jornalista.

Correspondencia

Murtoza, 30 de outubro.

Causou a maior indignação a tentativa de perturbação da tranquilidade da joven Republica pelos elementos reaccionarios do Norte.

Era de esperar mais tarde ou mais cedo uma intentona preparada pelos padres rebeldes os quaes servindo-se de todos os meios ao seu alcance procurassem crear entraves á marcha da Republica.

Torna-se necessario que o governo se convença de que elles são inimigos natos das ideias democraticas, que são e serão inimigos da Republica embora na apparencia pretendam eludir-nos declarando-se democratas.

E se assim procederam é para que nós julgando os sinceros n'elles depositemos confiança e os colloquemos em situação de mais segura e certeiramente nos poderem ferir.

Muitos annos terão de deslizar atravez da ampolheta do tempo antes que elles se transformem em sinceros patriotas.

Não se convencem de que guerrear a Republica no momento actual é pôr em risco a integridade da Patria e um constante entrave á marcha dos negocios do paiz e á resolução de todos os problemas economicos e administrativos para cujo estudo é indispensavel a mais completa tranquillidade de espirito.

Elles não ignoram as consequencias da sua rebeldia e traição.

Elles sabem muito bem que estas perturbações momentaneas nos prejudicam.

Muitas das greves devem ter sido preparadas por elles. E se não veja-se o numero de empregados da companhia carris de ferro do Porto que estão envolvidos no *complot* descoberto n'esta cidade e entre os quaes se encontra um tal Barros que foi o dirigente do movimento grévista que ha pouco foi declarado pelos empregados da mesma companhia.

Vê-se pelos jornaes que esse *complot* tinha ramificações extensas, indo além dos limites do districto onde se iniciou.

Tambem aqui tinha ou pelo menos teve ha tempos elementos agregados e entre elles o celebre cabo do mar Silva que era e é o maior propalador dos boatos terroristas que por vezes com enorme intensidade circulam na freguezia.

Foi elle enviado ao Porto buscar os prospetos dos bispos que aqui andou a distribuir de porta em porta, etc.

A sua audacia chegou ao ponto de pretender aliciar e converter á causa monarchica a guarda fiscal d'aqui, tendo instado e até quasi ameaçado com castigo apoz a restauração monarchica que elle garantia como coisa certa nas suas prelengas para convencer os militares.

Foi descoberto o seu *serviço*, sendo prezo instauraram lhe processo onde tudo isto ficou provado mas... como era conspirador tinha direito a uma recompensa, por isso foi conservado no seu posto de cabo de mar onde continua a servir a sua querida monarchia e o processo acha-se archivado por falta de prova!!...

Isto é inacreditavel, mas é absolutamente verdadeiro.

E lá continua conspirando quando isso lhe apraz, em hora mais cuidadosamente, escarnecendo de todos os republicanos.

Em face do que aqui se tem passado e deixamos exposto, não nos admira que ámanhã sejam louvados todos os conspiradores do Porto e nomeados para cargos de confiança.

Foram naturalmente levados para Lisboa com o fim de mais rapidamente tomarem posse dos cargos que estejam destinados a occupar.

Parece que é preferivel ser-se verdadeiro conspirador a possuir um attestado de combatente da *Republica* quando se aspire a ser nomeado ou conservado em cargos de confiança.

Pelo menos cá no districto assim acontece.

Rotasarim.

A LIBERDADE vende-se em Lisboa, na Tabacaria Monaco, ao Rocio.

Annuncios

Regimento d'Infanteria n.º 24

Arrematação

NO dia 20 de novembro de 1911, na sala das sessões do conselho administrativo do regimento de infanteria n.º 24, em Aveiro, proceder-se-ha á 2.ª praça, por ter passado a 1.ª deserta, da arrematação, em hasta publica, da adjudicação da manufactura dos concertos no calçado das praças de pret, quadro permanente e fluctuante, aquartelado em Aveiro e em Ovar, no proximo anno de 1912.

Os concorrentes devem apresentar em carta fechada as suas propostas, redigidas na conformidade do caderno de encargos que se acha patente na sala do mesmo conselho todos os dias uteis, desde as 11 horas da manhã ás 3 da tarde, até ás 11 horas do referido dia 20 de novembro, acompanhadas do deposito provisorio de 5$000 reis.

Quartel em Aveiro, 27 de outubro de 1911.

O secretario,

Adriano Stretcht de Vasconcellos,

Capitão.

CAFE'

Grande reducção de preços

A antiga e acreditada **Padaria Macedo** annuncia que, devido a um contracto feito ultimamente, acaba de reduzir os preços do **Café** que tem á venda como especialidade da caza, ficando a vender o que era de 720 réis o kilo a 600 e o de 560 a 500 réis.

Experimentem, pois, o **Café** da *Padaria Macedo* que é o melhor e mais barato que hoje se vende em Aveiro.

AOS MESTRES D'OBRAS

Lixas de todas as qualidades, rivalisando com as estrangeiras em preço e duração.

Fabrico pelos processos mais aperfeiçoados.

Unica fabrica no paiz.

BRITO & C.ª

Sôza—Aveiro.

Vende-se

UMA morada de casas terreas sita na rua de S. Martinho, Aveiro, e uma terra sita no Lila.

Quem pretender e quizer, dirigir-se a Carolina d'Almeida Martins, no largo do Espirito Santo, Aveiro.

A Colossal
DE
Mamodeiro
—(*)—

Fazendas, mercearias, miudezas, tintas, oleos e ferragens.
Grandes depositos de adubos chimicos para todas as culturas.
Arames para ramadas. Arames farpados para vedações.
Sulfato de cobre e enxofre.
Cimento **Portland.**
Batata de 1.ª qualidade para sementeiras, e muitos outros artigos.

Virgilio Souto Ratola

Bicycletas, Relojoaria e Accessorios

Officina de concertos e pintura. AGENTE da melhor bicycletta ingleza

HOBART

Alugueis de bicyclettas. Concertos em relogios.

POMPILIO RATOLLA
AVEIRO

Francisco A. Meyrelles
Praça Luiz Cypriano
AVEIRO

Armazem de mercearia

Generos de primeira qualidade
Vinhos finos e licores
Especialidade em Chá e Café
Figo do Algarve

Agua do Barreiro
(BEIRA ALTA)
(Na Serra do Caramulo)

Unico remedio natural que cura radicalmente a ANEMIA, a CHLOROSE, as doenças do estomago, etc., etc., como se pode provar com attestados da maxima confiança que se acham patentes ao respeitavel publico no deposito geral.

RUA GARRETT, 76 E 78

Unico agente em Aveiro

FRANCISCO MEYRELLES

COLLEGIO MODERNO
PRAÇA MARQUEZ DE POMBAL
AVEIRO

A direcção d'este collegio, montado nas melhores e mais modernas condições pedagogicas, de hygiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor installação e as melhores condições de aproveitamento.

ESTAÇÃO DE INVERNO

A ELEGANTE

Fazendas e modas
Camisaria e gravataria
DE
POMPEU DA COSTA PEREIRA
Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5
AVEIRO

O proprietario d'este estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

LIVRARIA CENTRAL E PAPELARIA
— DE —
BERNARDO DE SOUZA TORRES
Praça do Commercio
AVEIRO

Livraria. papelaria, e officina de encadernação.
Grande sortido de papeis nacionaes e estrangeiros.
Objectos para escriptorio, desenho e pintura:
Tabacos nacionaes e estrangeiros.
Livros em branco para escripturação commercial.
Artigos para brindes.
Chá em pacotes.
Deposito de tintas para escrever, marca D. Pedro IV.
Fornecimentos para escolas.
Sempre novidades em bilhetes postaes illustrados e com vistas d'Aveiro.
Cervejas e gazozas.
Cordas para instrumentos.
Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.
Sabonetes nacionaes e estrangeiros.
Pós e pasta para dentes.
Loções para o cabello e perfumarias.

AGENCIA DE JORNAES.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Elite Aveirense

Eduardo Augusto Ferreira Osorio

R. MENDES LEITE, 13 A 21 = R. DOS MERCADORES, 56 A 70
AVEIRO

Tem a honra de participar ás suas ex.mas clientes que tem em exposição no seu estabelecimento todo o seu numeroso sortido para a presente estação:

Tecidos d'alta novidade, em algodões, lãs e sedas, para vestidos. O maior e mais completo sortido em tecidos leves d'algodão em cassas, cambraias, voies, baptistes, foulards, nanzuckes, zephires, pamanás, fustões, etc., etc.

Numeroso sortido em cintos de pellica e d'elastico, luvas, mitaines, bluses bordadas, saias de baixo, sombrinhas em seda e algodão, colletes espartilho, meias, piugas, leques, sedas, ruches, tulles, gazes, plinés, rendas e muitos outros artigos proprios da occasião.

Sabonete IRENE, exclusivo da casa, a 100 réis.

CAMISARIA = GRAVATARIA

Ricardo da Cruz Bento
PRAÇA DO PEIXE
AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.
Breu preto, louro e cru.
Azeite de peixe.
Utensilios para amanho de barcos.
Cordoame e poleame.
Licores e aguardente.
Papelaria,
objectos de escriptorio e diversas miudezas.

A Liberdade
JORNAL REPUBLICANO D'AVEIRO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Assignaturas

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Brazil (anno) moeda forte	2$500 »
Avulso	20 »

Annuncios

Por linha	40 réis
Repetições	30 »
Communicados	20 »

Permanentes — contracto especial.

Hotel Cysne
Rua 5 d'Outubro
AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria.
Asseio e limpeza.
PREÇOS MODICOS

"ULTRAMARINA,,
COMPANHIA DE SEGUROS
CAPITAL 500:000$000 réis

Seguros maritimos e terrestres.
Seguros postaes.

Agente em Aveiro,
A. H. Maximo Junior.
Rua Direita— AVEIRO

DEPOSITO DE MOVEIS, COLCHOARIA E MARCENARIA
= DE =
Francisco Casimiro da Silva
COJO — AVEIRO

—=(*)=—

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.

Officina montada para execução de colchões, com pessoal habilitado.

Todos os artigos para mobilar casas.
Officina, a melhor no genero, de marceneiro.

Executa-se qualquer mobilia por catalogos.

Espelhos e christaes = Louças finas e bijouterias.

Preços modicos

MERCEARIA E CONFEITARIA

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.

Variado sortido de fructas seccas, queijos e chocolates.

Bolachas nacionaes e estrangeiras.
Chá e café de qualidade superior.

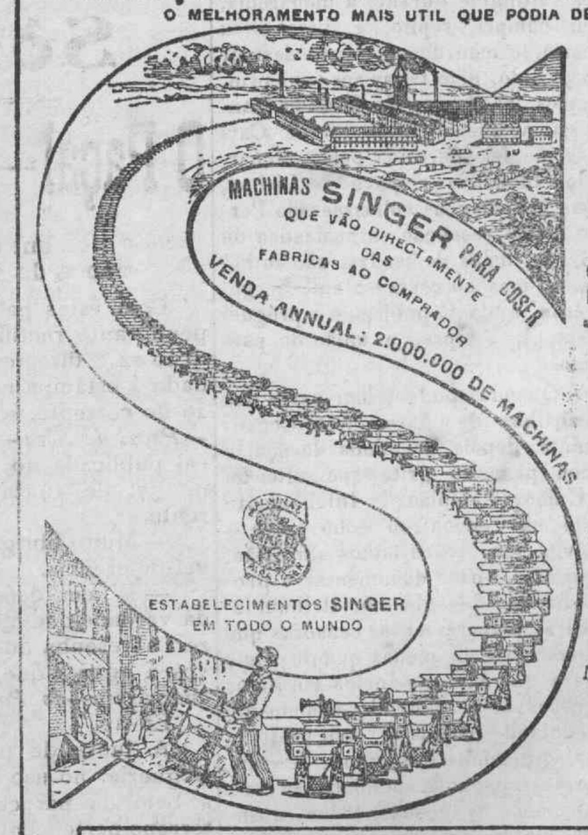
DOMINGOS PEREIRA GUIMARÃES
Rua José Estevam—AVEIRO

ALBERTO JOÃO ROSA
RUA DIREITA
AVEIRO

GRANDE ARMAZEM DE DROGAS E FERRAGENS

Tintas e oleos de primeira qualidade.
Vidraça, cobre, chumbo e arame.
Adubos chimicos e organicos.
Sulphato e enxofre.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

AVEIRO—Avenida Bento de Moura; **ILHAVO**—Praça da Republica; **OVAR**—Rua Elias Garcia, 4 e 5.